

Fiódor Piétróvitch, diretor das escolas publicas do governo de Ní, e que se considerava um homem justo e bondoso, recebeu certo dia, em seu gabinete, o professor Vrémenski.

— Não, senhor Vrémenski, — disse ele — a exoneração é inevitável! Não se pode continuar lecionando com uma voz como a sua. Mas, como foi que a perdeu?

— Estava suado e bebi cerveja gelada... — ciciou o professor.

— Que pena! Ter prestado serviços durante quatorze anos e, de repente, acontecer-lhe uma desgraça dessas! Imagine, diabos, estragar a carreira por causa de uma bobagem! Que pretende fazer agora?

O professor não respondeu.

— Tem familia? — perguntou o diretor.

— Mulher e dois filhos, Vossa Excelência... — ciciou o professor.

Seguiu-se um silencio. O diretor ergueu-se da mesa e caminhou, perturbado, de um canto a outro da sala.

— Não consigo imaginar o que possa fazer com o senhor! — disse ele. — Não pode mais ser professor, mas não serviu o bastante para aposentar-se com vencimentos... ao mesmo tempo, não é muito certo deixá-lo partir assim, entregue a seu próprio destino. O senhor, para nós, é pessoa da casa, serviu durante quatorze anos, quer dizer que nos compete prestar-lhe uma ajuda... Mas, ajudar como? Que posso fazer pelo senhor? Ponha-se na minha situação: que posso fazer pelo senhor? Seguiu-se novo silencio. O diretor caminhava pela sala,

pensativo o tempo todo, e Vrémenski, esmagado por seu infortúnio, permanencia sentado na beiradinha da cadeira, pensativo também. De repente, resplandeceu o rosto do diretor e ele até estalou os dedos.

— Admito-me de não ter lembrado isso há mais tempo! — disse apressado. — Escure, veja o que lhe posso oferecer. Na semana que vem, aposenta-se o escriptorário de nosso asilo. Querendo, pode ocupar a vaga! Ai está!

O rosto de Vrémenski, que não esperava tal ato de magnanimidade, resplandeceu também.

— É magnífico — disse o diretor. — Escreva hoje mesmo um requerimento...

Depois que Vrémenski saiu, Fiódor Piétróvitch sentiu um alívio e, mesmo, certo prazer: diante dele, não estava mais o velho curvado do pedagogo ciciante, e era agradável reconhecer que, tendo oferecido aquela vaga a Vrémenski, agira com justiça e de accordo com a consciência, como um homem bondoso e absolutamente correto. Mas, não durou muito aquela boa disposição. Ao voltar para casa e sentar-se para jantar, sua mulher, Nastássia Ivánovna, lembrou-se, de repente: — Ah, sim, eu ia esquecendo! Ontem, veio ver-me Nina Sierguéievna, que pediu proteção para certo jovem. Dizem que vai haver uma vaga no asilo...

— Sim, mas o lugar já está prometido a outra pessoa — disse o diretor, franzindo o sobrolho. — E você conhece minha norma: nunca dou empregos por recomendação.

— Sei, mas penso que se pode fazer uma exceção a favor de Nina Sierguéievna. Ela gosta de nós como se fôssemos parentes e, até hoje, não fizemos nada por ela. Nem pense em recusar isto, Fiedal! Com esses caprichos, você vai ofendê-la e a mim também.

— E quem é que ela recomenda?

— Potzúkhin!

¹ De *potzi*, arrastar-se.

— Que Polzúkhin? Aquelle que, na noite de Ano Bom, representou, numa reunião social, o papel de Tchárski? Aquele *gentleman*? Por nada deste mundo!

O director parou de comer.
— Por nada deste mundo! — repetiu. — Que Deus me livre e guarde!

— Mas, por quê?
— Compreenda, mãezinha, que, se um jovem age por intermédio de mulheres, em vez de fazê-lo directamente, só pode ser boa bisca! Por que não veio em pessoa falar comigo? Depois do jantar, o director deitou-se no sofá de seu escritório e pôs-se a ler jornais e cartas recém-chegadas.

“Meu caro Fiódor Pietróvitch!”, escrevia-lhe a mulher do prefeito. “Certa vez, o senhor me disse que sou uma conhedora dos corações humanos. Chegou a ocasião de comprovar-lo na prática. Por esses dias, irá pedir-lhe a vaga de escriptorário em nosso asilo um certo C. N. Polzúkhin, que eu conheço como um jovem excelente. O rapaz é muito simpático. Interessando-se por ele, o senhor se convencerá...” etc.
— Por nada deste mundo! — exclamou o director. — Que Deus me livre e guarde!

Depois disso, não passava um dia sem que recebesse cartas, recomendando Polzúkhin. Certa manhã, appareceu o proprio Polzúkhin, jovem corpulento, com rosto escanhado de jóquei e tratando roupa negra nova...

— Trato de assuntos de serviço não aqui, mas na repartição — disse o director secamente, depois de ouvir seu pedido.
— Desculpe, Vossa Excelência, mas nossos conhecidos comuns aconselharam-me a visitá-lo aqui.

— Hum!... — mugiu o director, olhando com ódio para os sapatos de bico fino do rapaz. — Que eu saiba, seu pai dispõe de recursos e o senhor não precisa ganhar dinheiro. Para que veni, então, pedir essa vaga? O ordenado é insignificante!

Personagem da peça de Griboedov, A desgraça de ter espirito.

A Dama do Cachorrinho

141

— Não é pelo ordenado que eu quero o lugar, mas assim. Apesar de tudo, é um emprego público...

— Assim... Parece-me que o senhor vai enjorar do emprego dentro de um mes e abandoná-lo, mas, ao mesmo tempo, há candidatos a quem essa vaga representa uma carreira para toda a vida. Há gente pobre, para a qual...

— Não enjorarei dele, Vossa Excelência! — interrompeu o Polzúkhin. — Palavra de honra que vou me esforçar!

O director explodiu.

— Escute, — perguntou ele, com um sorriso de desdém — por que não me procurou directamente, mas achou necessário incomodar previamente as senhoras?

— Não sabia que isto lhe seria desagradável — respondeu Polzúkhin, encabulado. — Mas, Vossa Excelência, se o senhor não dá importância ás cartas de recomendação, posso apresentar-lhe atestados...

Tirou do bolso um papel e passou-o ao director. Sob o atestado, escrito em eslo e com letra officiais, havia a assinatura do governador. Tudo parecia indicar que este assumira o papel sem ler, somente para se livrar de alguma senhora insistente.

— Nada me resta fazer, submetto-me... obedeço... — disse o director, depois de ler o atestado, e emittiu um suspiro.
— Encaminhe amanhã o requerimento... Nada a fazer...

Depois que Polzúkhin saiu, o director entregou-se completamente a um sentimento de repugnância.

— Que bisca! — ciciou, camuhandando de um canto para outro. — Conseguiu o que queria, este infame galo de salão, adalador de mulheres! Torpe criatura!

O director cuspi ruidosamente para a porta, atrás da qual havia sumido Polzúkhin e, de repente, ficou encabulado, pois, naquele instante, estava entrando em seu gabinete uma senhora, mulher do coletor...

— Eu venho por um instante, um instantinho apenas... — começou a senhora. — Sente-se, compadre, e ouça-me com

142

A. P. Tchekov

atenção... Bem, dizem que o senhor tem uma vaga... Hoje ou amanhã, virá vê-lo um jovem, um certo Polzúkhin...

A senhora ficou gorjeando, enganando o director dirigia-lhe olhares nervos e apagados, como alguém em vias de desmatar; olhava-a e sorria, como ordena a boa educação.

No dia seguinte, recebendo na repartição Vrieminski, o director ficou por muito tempo sem se arrever a dizer-lhe a verdade. Procurava as palavras, confundia-se e não encontrava vontade de pedir desculpas ao professor e contar-lhe toda a verdade, tinha presa a lingua, como se estivesse embriagado, ardiam-lhe as orelhas e, de repente, sentiu offensa e despeito por ser obrigado a desempenhar um papel tão absurdo, em sua própria repartição, diante de seus subordinados. Subitamente, deu um soco na mesa, levantou-se de um salto e gritou zangado:

— Não tenho vaga para o senhor! Não e não! Deixe-me em paz! Não me atormentar! Deixe-me, afinal, faça-me o favor! E saiu do gabinete.

(1886)

A Dama do Cachorrinho

143

ЧЕКОВ А. П. А dama do cachorrinho. São Paulo, Editora 34, 1999, p. 139-143.